1968

A construção da estética jovem no cotidiano da contracultura e dos ideais de liberdades políticas, comportamentais, éticas e sexuais

Lu Catoira[1]

lucatoira@globo.com

Resumo

Este trabalho é uma reflexão sobre 1968, um ano marcado pela contracultura e pela estética do jovem revolucionário, que construiu uma identidade através de ideais políticos e sociais, de música, cinema, artes plásticas e moda. Quarenta anos depois, novos nichos de movimentos contraculturais estão presentes na sociedade e a moda revive o sucesso do estilo sixties.

Palavras chaves

Jovem, Comportamento, Identidade

1968

The construction of the aesthetics young in the daily of the against-culture and the ideals of freedom

Lu Catoira

Abstract

This work is a reflection on 1968, a year marked by the against-culture and the aesthetics of the young revolutionary who built an identity through political and social ideals, music, films, visual arts and fashion. Forty years later, new niches of against-culture movements are present in society and fashion style revives the success of the sixties.

Keywords

Young, Behavior, Identity

[1] Lu Catoira, coordenadora do curso de Bacharelado em Design de Moda da Faculdade Senai-Cetiqt no Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

O ano de 1968 ficou marcado pelos jovens que se preparavam para ocupar novos espaços no meio de grandes emoções: o sonho hippie da liberdade; a liberação feminina e a repressão político-social.

Escolhemos o tema moda, que era ditada para uma elite, presente nesse momento histórico, como um documento que mistura o cotidiano dos indivíduos e o imaginário da época, repleto de emoções, atitudes, imagens, sons, que repercutiram, ao mesmo tempo e de uma maneira mimética, em várias partes do mundo ao mesmo tempo.

Os jovens começaram a ter suas posições na sociedade a partir do final dos anos 50 e acabaram por criar um código estético que influenciou e criou novos estilos de vestir.

A mudança pode ser vista nas ruas das cidades no mundo todo e a imagem das vestimentas que romperam os padrões da época e inspirou o consumo. Essa imagem foi muito divulgada pela mídia impressa e pelo cinema, que mostrou, além do visual, a atitude dos jovens. Uma construção estética que ecoou como um modismo e que nos ajuda a entender como se processaram as relações sociais e os desejos dos jovens na sociedade naquele ano.

Foi um momento em que o jovem passou a se reconhecer como indivíduo, partilhou novas experiências, hábitos e pensamentos, e a roupa se tornou a expressão de sua ideologia. 1968 foi um ano mágico e trágico, que marcou a humanidade, com a total expressividade dos jovens e sua moda descontraída e contagiante.

DESENVOLVIMENTO

1. A magia de 1968 e os prenúncios de uma revolução global

A magia de 1968 está sendo revista quarenta anos depois pela mídia. Foi um ano que não pode ser esquecido por ter sido de transformações radicais das sociedades. Um ano em que o foco foi o jovem e, como ele, enigmático, estranho e ambíguo.

Drogas, minissaias, pílula anticoncepcional, sexo sem culpa, psicodelismo, tropicália, movimentos feminista e negro, protestos contra a Guerra do Vietnã, defesa dos direitos dos homossexuais, revoltas estudantis pelo mundo e o recrudescimento da ditadura no Brasil.

A geração de jovens dos anos 50, sem qualquer ideologia ou organização, inconformada com a situação mundial do pós guerra, com a violência gerada pela Guerra da Coréia e, no fim da década, com o fortalecimento da brutal Guerra do Vietnã, começou a questionar os valores e costumes da época.

O início dos anos 60 foi marcado por contestações, ainda individuais, dos adolescentes, que começaram a afrontar as famílias e as escolas usando roupas coloridas, dançando o rock'n'roll, contestando a sociedade patriarcal e a educação rígida de então. Essa nova aparência simbolizou e estabeleceu uma linguagem que foi entendida por grupos com ideologias semelhantes. Essas foram as raízes de uma série de transformações sociais que se concretizaram a partir do final da década, em todo o mundo, com mudanças políticas, comportamentais, éticas e sexuais.

Os jovens queriam modificar o mundo e, em todos os continentes começaram a surgir movimentos que afetaram as sociedades de forma irreversível.

Este foi o pano de fundo do início de 1968, ponto de partida de movimentos jovens que eclodiram em diferentes pontos da Terra, em sociedades distintas pertencentes a todo tipo de regime político – de democráticos a totalitários. Essa geração criou padrões estéticos homogêneos, vestindo-se com descontração, confirmando a teoria Junguiana do inconsciente coletivo, que explica que os indivíduos, mesmo sem se conhecerem, podem reagir e apresentar atitudes idênticas quando são atingidos pelo mesmo tipo de pressões emocionais .

.

Na democracia dos corpos, a multiplicação de um visual produzido com peças semelhantes e usadas repetidamente tornou-se um fenômeno. Na moda, o estilo torna-se unissex nas formas, mas continuou pertinente à maneira de uso por homens ou mulheres. O coletivo reconhece o arranjo da linguagem e o "querer-parecer" produz a construção da aparência informal e rebelde no corpo. No contexto político-social da época surgiram indivíduos ativos politicamente, mas anônimos no vestir.

2. O ano em que tudo mudou

Na verdade, 68 marcou uma reação extremada da juventude contra a Guerra Fria vigente entre países capitalistas, liderados pelos Estados Unidos e os comunistas, com a União Soviética à frente. O mundo, nesse ano, viveu uma verdadeira revolução, onde as armas eram pedras de rua, auto-falantes, manifestações e agitações, além de muita pichação nas cidades. Tudo marcado por total irreverência dos jovens, uniformizados com jeans e camiseta. Alguns não buscavam bandeiras políticas. Queriam apenas chocar pelo comportamento, numa tentativa de mudar os padrões sociais da época. Carl Jung, no estudo "O Homem e seus Símbolos", explica que "a consciência seleciona de acordo com a razão e o conhecimento, enquanto que o inconsciente parece ser dirigido por tendências instintivas, através de ritos e outros apelos à emoção das massas".

Afinal, houve um movimento ou uma transformação dos jovens revolucionários? Alguns podem ter resistido mas se deixavam levar pelo sistema, criando identidade através do modo de vestir e das atitudes. O certo é que não houve uma intenção de pensar o corpo na moda. Não houve uma tendência pré-estabelecia, mas um estilo baseado no comportamento dos jovens com necessidade de expressar significados, escolhendo produtos que comunicavam à sociedade a satisfação de não estarem sozinhos. A tendência psicológica à imitação faz parte do ser humano e a similaridade aconteceu através do envolvimento dos indivíduos que estavam vivendo as mesmas motivações na forma de necessidades, metas e valores.

O jovem se liberta das "roupas dos adultos" e as peças básicas, passaram a ser as descontraídas camisas cáqui ou azul, usadas sobre camisetas (até então, peças íntimas), malhas com gola rulê, japonas, cardigans, calças jeans, saias curtas xadrez e mocassins. Após os anos 70, o "uniforme jovem" ganhou a presença marcante do trio: camiseta, jeans e tênis.

Os ideais se fixaram no vestir como um enunciado, atraindo, através dos acontecimentos e a mídia, mais jovens num discurso comum. O vestir já estava mais democrático. Através do prêt-à-porter, fenômeno surgido na década, a moda foi oferecida com peças em série. E aparecem grifes investindo no novo público.

O primeiro estilista da alta-costura a colocar a moda jovem na passarela foi Yves Saint Laurent que, numa sacada visionária, colocou na passarela, em 1957, uma coleção inspirada nos beats – grupo inglês que buscava ambientes boêmios, gostavam de jazz underground e, posteriormente, rock. Beat foi o grupo Rollings Stones, que aderiu aos blusões negros, de couro, com calças jeans e atitudes violentas, e os Beatles, cujos componentes queriam parecer dóceis para levar suas mensagens aos jovens irriquietos dos anos 60.

3. O movimento francês

Paris tornou-se um centro de protestos, quando, no começo de 1968, os estudantes da universidade Paris-Nanterre, então já um centro de contestação, convidaram um dos mestres do pensamento da época, o psicanalista Wilhelm Reich, para uma palestra. Reich associava a agressividade humana à repressão sexual dos adolescentes. Por isso a palestra foi impedida pelas autoridades. Foi assim que a questão sexual voltou a ser tema importante. O líder estudantil Daniel Cohn-Bendit questionou o Ministro da Educação. Este acabou sendo o ponto de partida para manifestações em Paris, que começaram a ser reprimidas pela polícia. A partir daí, universidades foram fechadas, e

dá-se o início o movimento estudantil que marcou a França, em 68, com passeatas sempre dissolvidas com violência crescente pela policia.

Com o apoio de sindicalistas, professores, funcionários públicos, jornaleiros, comerciários, bancários, jornalistas, artistas, intelectuais e até operários, o movimento, de estudantil, passou a ser político, contra o regime do então presidente Charles de Gaulle – que, enfraquecido, renunciou ao poder no ano seguinte, depois de tê-la ocupado por dez anos.

4. A abertura dos Estados Unidos

Os movimentos estudantis europeus foram-se somando à reação do povo americano em manifestações cada vez maiores contra a guerra do Vietnã (um país agrícola e simples atacado pela superpotência americana). Os jovens, pregando a paz, criticavam a intervenção militar e os valores da sociedade norte-americana.

Em 67, morre na Bolívia o guerrilheiro Ernesto Che Guevara, que se torna símbolo de toda uma ideologia libertária para o mundo. Em abril de 68, o pacifista negro Martin Luther, que comparava o movimento negro à libertação dos povos do Terceiro Mundo, é assassinado em Menphis, EUA, provocando violentas reações de protesto em todo o país. Os jovens, então, partiram para grandes manifestações pregando a desobediência civil, chegando a queimar as convocações para o serviço militar.

Um líder do pensamento americano da época foi o filósofo Herbert Marcuse, alemão que morava desde 1934 nos Estados Unidos e lançou "A ideologia da sociedade industrial", contestando o capitalismo americano no qual os operários se acomodavam, seduzidos pelo consumo. Seus seguidores, que promoviam uma revolução contra o sistema e o autoritarismo no país, eram as minorias étnicas, estudantes, intelectuais apolíticos, como os beatniks – grupo vestia suéter longo, calças jeans ou cáquis e sandálias; usava barba e cabelos curtos. O termo "Beatnick" é uma mistura de Beat e Sputnick, o primeiro satélite russo. Eles se caracterizavam por serem apolíticos e pacifistas, o que é explicado por Carl Jung, como contágios coletivos: "o homem que está só, por medo de o considerarem tolo, entrega-se a impulsos que na verdade podem não lhe pertencer".

Contra a sociedade de consumo e vendo a moda como símbolo de hipocrisia do sistema, surgiram os hippies, que se reuniam em comunidades que viviam de artesanato e do trabalho, nas cidades, e de hortas das zonas rurais. Eles eram jovens vindos de todas as classes sociais, que se vestiam com jeans, roupas de algodão em cores gritantes, usando

barba e cabelos longos, colares, pulseiras, anéis – tudo, chocando a sociedade nos trajes, no modo de viver, considerando o sexo livre, divulgando o tema "Paz e Amor".

A filosofia hippie se baseava no pensamento oriental. Os ídolos literários eram Herman Hesse e o poeta Dylan Thomas. Claro que o comportamento sexual seguia a orientação de Reich – de que a revolução sexual forçaria a revolução social. Na música, as preferências se dividiam entre Janis Joplin, Jim Morrison, Jimmy Hendrix, Bob Dylan, John Lenon e Joe Cocker.

Além do sucesso crescente dos Beatles, Jimi Hendrix, em 1968, derrubou fronteiras musicais com sua carga explosiva de musicalidade e sexualidade. Contestador sem ser político, Hendrix simulou o som de bombas (da Guerra do Vietnã) recriando o hino americano em Woodstock. A sua revolução foi comportamental, e sua figura marginal virou referência de guitarristas do mundo todo, e dos Tropicalistas, no Brasil.

A influência hippie se espalhou pelo mundo depois do Festival de Woodstock, que aconteceu em agosto de 1969, perto de Nova York, reunindo cerca de 500 mil jovens, agregados e identificados como uma tribo, para ouvir rock e difundir o lema de paz e amor que pregavam.

Este foi o marco final da revolução americana. Os costumes nunca mais foram os mesmos, o sexo deixou de ser reprimido entre os jovens e a Guerra do Vietnã passou a ser sinônimo de vergonha nacional, até terminar, em 1975.

5. O comunismo tcheco e outras revoluções européias

Em abril de 1968, o povo da Tchecoslováquia toma conhecimento do novo programa do Partido Comunista que pretendia desestalinizar e liberalizar o regime no país, garantindo uma imprensa sem censura, os direitos civis e o fim do monopartidarismo. Com pleno apoio da população, o movimento ficou conhecido como "Primavera de Praga".

Pregava-se, em todas as cidades tchecas, a aceleração do processo para transformar o país comunista em um regime com a economia baseada em liberdade democrática. Os países de regime comunista ficaram apreensivos. Não compactuavam com a democratização em andamento em Praga até que, em agosto de 1968, tanques russos invadiram a cidade e sufocaram os projetos libertários tchecos.

O ideal, porém, permaneceu e, vinte anos depois seria adotado pelo próprio regime soviético, quando Michail Gorbachov promoveu a Glasnost, que viria a representar o fim do bloco comunista liderado pela Rússia.

Na Alemanha, também em 68, depois de um atentado contra o estudante Rudi Dutschke, começaram as marchas de protesto em todo o país, que resultaram em batalhas entre universitários e policiais. Vencidos, os estudantes continuaram a tentar manter o clima de revolução através do Grupo Baader-Meinhoff. Ao longo dos anos seguintes, o grupo promoveu atentados terroristas.

Na Itália aconteceu um movimento semelhante, com o rompimento dos jovens com o PC italiano, que, segundo eles, estava fazendo acordos com a burguesia. Surgiram as Brigadas Vermelhas, que chegaram a matar até o primeiro-ministro Aldo Moro, em 78.

6. Repercussões no Brasil

As décadas de 60 e 70 marcaram a ascensão de regimes militares em toda a América Latina. Os confrontos entre estudantes e policiais foram violentíssimos na década de 60, resultando em milhares de mortos, muitos deles até hoje com paradeiro desconhecido.

Como Estado autoritário, o Brasil, após 1964, desenvolveu uma política de cultura que buscou concretizar a realização de uma identidade "autenticamente" brasileira.

As artes, sobretudo a música, o teatro, o cinema, a produção editorial ganhou uma estética radical, nacionalista, com um diálogo intenso entre esses campos culturais.

No cinema, depois do “Pagador de Promessas”, de 1962 e “Vidas Secas”, em 1963, Glauber Rocha dirige “Terra em Transe”, em 1967 e “O dragão da maldade contra o santo guerreiro” em 1969. No teatro, o Brasil estava presente em “Liberdade, liberdade” e “Arena conta Zumbi”, de 1965, “Arena conta Tiradentes”, de 1967, e “Roda-viva”, de 1968.

A Jovem Guarda de Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Vanderlea eram apolíticos, enquanto nos festivais da canção, a disputa era politizada. Exatamente em 1968, no III Festival Internacional da Canção, em São Paulo, acompanhado pelos Mutantes, Caetano Veloso apresentou a música “É proibido, proibir” e Geraldo Vandré, “Caminhando” “Para Não Dizer que Não Falei das Flores”- música que se tornou um hino nas passeatas estudantis.

No Brasil, em março de 1968, num confronto, no Rio de Janeiro, o estudante Edson Luis foi morto por policiais. Cinqüenta mil pessoas acompanharam o enterro do jovem. Daí para a frente, as contestações eram dirigidas contra o regime militar. O movimento foi apoiado por intelectuais, artistas, formadores de opinião, que também lutavam contra a censura de imprensa, livros, cinema e teatro.

Nas maiores capitais do Brasil, policiais e jovens se enfrentavam diariamente. Os líderes políticos de oposição, nessa fase, tinham sido cassados e não podiam se manifestar.

Em junho de 68, houve a passeata de 100 mil pessoas pelas ruas do Rio de Janeiro, numa manifestação que exigia o abrandamento da repressão e liberalização do regime. Até a igreja católica se fez representar maciçamente nessa passeata.

As lutas entre policiais, agora apoiados por grupos para-militares, e estudantes ficaram cada vez mais violentas até que, em outubro, cerca de 1200 universitários foram presos quando se reuniam clandestinamente para realizar o 30º Congresso da União Nacional dos Estudantes.

Em dezembro de 1968, o Congresso Nacional é fechado pelas Forças Armadas e foi decretado o Ato Institucional 5, com o fim das liberdades civis. Foi a época mais repressiva da Ditadura Militar, que culminou com mais de 20 anos de autoritarismo no Brasil.

O movimento estudantil representou também a semente para o Movimento das Diretas-já e os caras-pintadas, que foram às ruas pedir o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello.

Foi precisamente a partir de 1968 que o hippismo chegou ao Brasil, enquanto os contestadores do regime sofreram torturas e exílio. "Aqui, a contracultura não teve o momento feliz de Londres ou São Francisco, e só fomos aderir a ela como vingança masoquista à violência militar de 68. Nunca tivemos a pureza floral dos hippies americanos, tomava-se LSD politicamente." (Arnaldo Jabor). Enquanto os hippies americanos recusavam a sociedade industrial e a cultura de massa vivendo o momento paz-e-amor, o Brasil vivia repressão política e contracultura tropicalista, calcada na música e nas artes.

A moda começara a viver sob a influência jovem e num novo sistema, o prêt-à-porter, teve acentuada as mudanças com o movimento tropicalista – que aboliu a gomalina, estabelecendo barba e cabelos longos. De um lado, os ícones da sobriedade, como o tailleur e os tons pasteis; de outro, jeans surrados, pantalonas, túnicas e cores fortes nas estampas.

REFLEXÃO

Quarenta anos depois

1968 marcou o período símbolo da utopia de milhões de jovens rebeldes e cabeludos de acabar com a moral repressora da velha sociedade. Para o escritor e jornalista Zuenir

Ventura, autor de "1968 – O Ano Que Não Terminou", serão necessários muitos anos para que se entenda seu legado. "Ainda ninguém explicou por que tudo aconteceu naquele ano e de que forma o mundo absorveu os impulsos revolucionários daquela geração".

Em entrevista ao Jornal O Globo, José Celso Martinez Corrêa – diretor teatral que chocou o público com as cenas de nudez e violência nas peças "O Rei da Vela" e "Roda Viva" – "o ano de 68 trouxe experiências malucas na arte, a experimentação das drogas, o contato com o outro, e tudo isso despertou o conhecimento do corpo. Esse espírito está vivo até hoje... E a vontade de se libertar é reflexo do que fizemos em 68."

Para Zuenir Ventura, em entrevista à revista Época, a ironia da história é que os jovens de 68 fizeram uma revolução cultural, mais do que política. "Eles mudaram os costumes, mudaram os hábitos, mudaram a maneira de pensar, a maneira de ser, valores. Movimentos como o ecológico, o movimento feminista, o movimento gay, o movimento negro foram movimentos que ou nasceram em 1968 ou adquiriram uma importância muito grande nesse momento".

Quarenta anos se passaram e podemos afirmar que a contracultura foi um movimento global, em que a estética foi marcada pelos visuais e atitudes dos jovens. Como a informação e a mídia fazem parte da lógica da moda, observamos que ela tornou-se um valor de compra e o consumidor está sempre motivado a algo de novo – mesmo que esse novo tenha formas e gostos de releitura.

E é bem por isso que a moda sempre está em processo de mudança. Essa lógica não destrói a cultura do passado, mas faz com que ela perca a sua força de imposição e considere a perspectiva da lógica da liberdade individual.

Os veículos de comunicação são os responsáveis por massificar atitudes através das imagens. E como vimos, em 1968, com a presença maciça dos jovens na moda – que construíram uma estética marcante no cotidiano da contracultura e do revolucionário – surgiram configurações miméticas nos modos de vestir e de se portar. "Dirigindo-se a seletos grupos ou a um coletivo massificado, a moda pode ser abordada por grupos por se apresentar como se ela fosse um verdadeiro sujeito axiologizado, capaz de agir sobre outros sujeitos para fazê-los sentir seus comandos, intimações, mas também promessas". (Ana Claudia de Oliveira; "Por uma Semiótica na Moda")

E, mesmo hoje, o mimetismo se dá conforme o tipo de relação que se estabelece de um indivíduo com o outro. E é esse mimetismo que está presente em tribos e outros grupos

particulares. O Woodstock é a rave de hoje. O rap é a canção de protesto. Uma espécie de empatia contamina através da intenção, sintonia, sensibilidade e estilo.

Algumas peças de roupas acabam como códigos que estão tanto na consciência desses indivíduos que agem racionalmente, quanto no inconsciente, através de ações instintivas. Gilles Lipovetsky explica que a irradiação da moda, se dá pelo mimetismo mecânico, a nível do conformismo, da adaptação – alguns modulam, se adaptam, outros seguem rigorosamente os cânones do momento.

O processo da moda põe ao alcance dos indivíduos a identidade e os mínimos comportamentos dos grupos que dela participam, já que indivíduo não pode existir isolado. Ele está ligado a uma comunidade pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, o que, o sociólogo Michel Maffezoli alerta para que cada vez mais nos demos conta de que vale considerar a sincronia ou a sinergia das forças que agem na vida social.

CONCLUSÃO

O estilo dos sixties está nas ruas. Os ternos curtos e justos dos Beatles, usados com botas de bico fino são, hoje, o visual dos ternos "secos" que estão nas grifes internacionais como Paul Smith, Prada, Gucci, Burberry, Marc Jacobs e Dior Homme. Outro sucesso dos anos 60, o jeans é um básico na moda e alcança públicos de todas as idades.

A busca por tecnologias futuristas, no final dos anos 60, resultaram nos tecidos inteligentes atuais, ecologicamente corretos. Os hippies customizavam suas roupas e agora o artesanato é revivido pelas grifes, agregando valor às peças. "A Tropicália foi um movimento e um momento. Estado de espírito, celebração da complexidade do próprio Brasil e uma variante da contracultura da década de 1960." (Fernando de Albuquerque, "Moda Sem Frescura"). Quatro décadas depois, o tropicalismo volta a ser uma fonte de inspiração nas releituras, referências e transgressões. São subjetividades contemporâneas. Grifes como Cantão, Neon, Adriana Barra, Cris Barros, Isabela Capeto, Alessa, entre outras, mostram em suas coleções uma contaminação da releitura cultural e folclórica dos anos 60.

Continuamos a ter uma moda que Rolland Barthes afirma ter traços mundanos que são infinitos, inumeráveis e abstratos. Os jovens de hoje, mesmo sem uma rebeldia política exacerbada, participam de ajuntamentos pontuais, condensações espontâneas com envolvimento emocional, buscam espaços mais excitantes e, assim, continuam

transgredindo regras. Eles procuram símbolos coletivos para a participação da integração da vida social.

O processo democrático do vestir reduz as desigualdades externas, sem abolir as diferentes simbologias e valores das marcas. (Catoira, 2006, p.13) E o que restou do movimento da contracultura? Na reportagem "A Herança Contracultural", de Mauro Ventura para o jornal O Globo, o jornalista afirma que "há nichos contraculturais hoje, com os poetas que fazem livros independentes, os rappers, artistas da periferia e as festas rave – todos que falam e propõem suas próprias políticas e planos de ação". Além disso, a internet é vista como o último espaço anárquico e aberto; uma realidade virtual que lembra a realidade da contracultura, da liberdade total, mas sem as dimensões de que o ser humano é capaz de viver. A reportagem conclui que o mundo se globalizou e a contestação já é parte do sistema.

A moda inverno 2008, tão democrática, vive sob a influência de releituras – atendendo a vários tipos de consumidores –, e uma delas é o jovem no estilo sixties, com a descontração dos jeans mais justos, os vestidos curtos, cardigans, o xadrez, peças com agregados artesanais, além das sapatilhas e tênis.

E a mídia continua a divulgar os comportamentos dos consumidores e seus modismos através de reportagens e imagens. Em 1968, tínhamos jornais, revistas, peças de teatro, cinema e televisão. Hoje, a mídia tem dois aspectos relevantes: o primeiro é que a contemporaneidade de idéias e ideais é mais rapidamente conhecida, pois não é necessário, como na época da ditadura, burlar a censura; e o segundo aspecto é a internet, um novo veículo, imediato, que interage diretamente com o público.

Essa contemporaneidade continua a ser uma leitura de valores, crenças e papéis que o indivíduo desempenha na sociedade, lembrando que a moda representa a busca da individualidade – reagindo contra a sociedade de massa. Ao mesmo tempo, mantém a necessidade da integração social e influencia a escolha de estilos.

Bibliografia

BARTHES, Roland. ***Sistema da Moda***. 5ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

CALDAS, Dario. ***Observatório de Sinais***. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

CASTILHO, Kathia. ***A Moda do corpo, o corpo da moda*** / Kathia Castilho e Diana Galvão. São Paulo: Editora Esfera, 2002.

CATOIRA, Lu, ***Jeans, a roupa que transcende a moda***. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

GARCIA, Carol, ***Moda e Comunicação, Experiências, Memórias, Vínculos***. Garcia, Carol; Miranda, Ana Paula / - São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

HOLLANDER, A. ***O Sexo e as Roupas: a evolução do traje moderno***. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.

JUNG, Carls Gustav, ***O Espírito da Arte e na Ciência.***v.15. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1970.

JUNG, Carls Gustav, ***O Homem e seus Símbolos***. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1897.

KATHIA, Castilho, ***Moda e Linguagem***. 2ª edição. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006

LE GOFF, J. Documento / Monumento. In : ***Enciclopédia Enaudi***. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda,1984, vl.01.

LIPOVETSKY, Gilles, ***O Império do Efêmero***. São Paulo: Companhia as Letras,1989.

MAFFESOLI, Michel. ***No fundo das aparências.*** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel, ***O Tempo das Tribos, O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa***. 1ª edição. Paris: Celi, 1998.

MARCUSE, Herbert. ***A Ideologia da Sociedade Industrial***, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARCUSE, Herbert. ***O Fim da Utopia***, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

OLIVEIRA, Ana Claudia. ***Semiótica Plástica***, São Paulo: Hacker Editora, 2004.

ORTIZ, Renato. ***Cultura Brasileira e Identidade Nacional***. São Paulo: Brasiliense,1994.

ROSZACK, Theodore - ***A Contracultura***, Petrópolis, RJ: Editora Vozes,1972.

VENTURA, Zuenir - ***1968, O Ano que não acabou***. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

Internet

http://www.revistaogrito.com/page/19/08/2007/moda-tropicalista/ ALBUQUERQUE, Fernando, ***Moda Tropicalista***.

http://www.designisfels.net/designis1_2.htm, ***Moda: uma Questão de Envolvimento.*** MIRANDA, Ana Paula /GARCIA,Carol /MELL,Sérgio C. Benício

Imagem: http://www.novae.inf.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=957

Jornal

Maio de 1968 – publicado no jornal Zero Hora, 2 de maio de 1998.

Tropicália. O gesto inaugural no Brasil – JABOR,Arnaldo, publicado no jornal O Globo, 18 maio de 2008, p 4 segundo caderno.

A Herança Contracultural – VENTURA, Mauro, publicado no jornal O Globo, 18 maio de 2008, p 3, segundo caderno.

Revista

ÉPOCA, ***1968*** – publicada na edição nº 503 de 07 de janeiro de 2008.

Currículo resumido

Lu Catoira é coordenadora do curso de Bacharelado em Design de Moda da Faculdade Senai-Cetiqt (RJ) e professora do MBA em Negócios de Moda da Univercidade(RJ). Formada em Jornalismo e Publicidade, é especialista em Marketing de Moda e em Educação Estética e há 28anos trabalha na moda. Foi Editora de Moda das revistas Desfile e Pais e Filhos da Bloch Editores por oito anos, além de ter colaborado em revistas da editora Abril, Globo, Editora Três. Atualmente, além da área acadêmica, escreve para a revista World Fashion e WF-Varejo e produz fotos de moda para o Jornal O Globo (RJ).